



SIMETRIAS E ASSIMETRIAS DO DESEJO: PENSANDO SEXO E SEXUALIDADE EM CONTEXTOS HOMO E HETEROSSEXUAIS

*Telma Amaral Gonçalves**

RESUMO

Neste trabalho, meu objetivo é apresentar uma discussão acerca do binômio sexo/sexualidade apoiada nos dados levantados em minha tese de doutoramento acerca do amor no contexto de parcerias amorosas homo e heterossexuais. A perspectiva de gênero que norteou a tese me possibilitou descolar o desejo de uma base biológica e pensá-lo com fruto da vivência cotidiana que é singular para cada um dos pares, ditada pelo ritmo cotidiano e pelas idiossincrasias peculiares a cada um dos membros do par. O principal obstáculo em campo foi o estabelecimento de uma relação de intimidade e confiança que me permitisse chegar ao cerne de um tema ainda considerado tabu na atualidade. Todavia, após entrevistar longamente dez pares acerca do desejo sexual e do sexo, pude identificar o lugar, o significado e a importância que este ocupa na vida a dois, a relação sexo/prazer associada ao tempo de relacionamento, as satisfações e conflitos em torno do sexo que configuram o que denomino aqui de as simetrias e assimetrias do desejo. Estas questões foram fundamentais para o entendimento de que mais que as diferenças em torno da orientação sexual dos pares que poderiam delimitar esses dois campos – homo e hétero – como pólos extremos e antagônicos, é a dinâmica da vida cotidiana com seus fluxos, tensões, reelaborações e reconfigurações que assume um papel de relevo evidenciando mais similaridades que diferenciações entre estes dois universos o que possibilita um fértil diálogo entre eles.

Palavras-chave: sexualidade, sexo, gênero, orientação sexual.

INTRODUÇÃO

Corria célere o ano de 2007 e eu precisava concretamente iniciar a pesquisa de campo que me permitiria levantar dados para o desenvolvimento de minha tese de doutoramento, iniciada no ano anterior¹. Meu tema de

*Doutora em Antropologia, Universidade Federal do Pará, e-mail telmaral@ufpa.br.

¹ Amaral Gonçalves, Telma. Falando de amor: discursos sobre o amor e práticas amorosas na contemporaneidade. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará. Belém:UFPA, 2011.



quarenta e cinquenta e dois anos e que, portanto, foram socializadas em um período em que o sexo era considerado - muito mais do que ainda é hoje - um tabu⁶. Todavia, o nível de abertura de todos em falar do assunto e em fazer revelações acerca de sua intimidade foi revelador do quanto esse debate mobiliza todos os que estão nele envolvidos.

A perspectiva de gênero que norteou este trabalho me possibilitou descolar o desejo de uma base biológica e pensá-lo relacionalmente como fruto da vivência cotidiana que é singular para cada um dos pares, ditada pelo ritmo cotidiano e pelas idiossincrasias peculiares a cada um de seus membros. Além disso, numa proposta de consideração indiferenciada e, mais que isso, num exercício de pensar e enxergar a diversidade tal como ela se apresenta cotidianamente, estou considerando, conjuntamente os dois campos, ou seja, a homossexualidade e a heterossexualidade. Certamente, cada um destes universos possui especificidades que não se pode deixar de sopesar, até porque em alguns momentos elas se impõem e precisam ser analisadas. Todavia, a despeito daquilo que é peculiar a cada uma das experiências, foi possível pensar a sexualidade englobando as duas categorias e posso mesmo afirmar que a tônica dos discursos apresentou mais similaridades do que diferenciações como se verá mais adiante.

Como já apontei em outros trabalhos⁷, a sexualidade adulta na esfera de uma relação amorosa, homo ou heterossexual, apesar de ser um tema de relevância sociológica tem sido pouco privilegiada ou brevemente

⁶ Nas parcerias amorosas homossexuais femininas e masculinas o tempo de relacionamento variava de um a vinte e dois anos e nas parcerias heterossexuais era de três a cinquenta e dois anos de, contabilizado desde o início do namoro até o momento em que os dados foram levantados.

⁷ Parte do debate que faço aqui está publicada em dois outros trabalhos, além da tese de doutorado já referida. Ver Amaral Gonçalves, Telma. Sexo, desejo e amor no contexto de relações amorosas homossexuais e heterossexuais. Buenos Aires: Anais do X Congresso Argentino Argentino de Antropologia Social, 2011. ISBN 978-987-1785-29-2 e Amaral Gonçalves, Telma. "O nosso amor a gente inventa": discursos e práticas amorosas homo e heterossexuais. Revista Percursos. Florianópolis, v.15., n.28, p. 337-353.jan./jun. 2014.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



tratada enquanto campo de estudo. Digo isso porque as publicações brasileiras acerca de tal tema são em sua maioria dizem respeito ao público juvenil com foco em temas como gravidez, iniciação sexual, práticas sexuais, trajetórias afetivo-sexuais, valores sobre a sexualidade, enfim explorando a sexualidade em todas as suas nuances neste contexto mais específico.

Essa evidência não desconsidera a existência de estudos acerca da sexualidade adulta no contexto de uma relação amorosa⁸. Todavia, o que desejo enfatizar é a importância de se investigar a sexualidade mais particularmente nesse âmbito, o que procuro fazer no bojo deste artigo.

Dito isso, passo a apresentar os dados de campo.

Quando indagados em relação à importância da sexualidade e do lugar que o sexo ocupa no relacionamento amoroso todas as parcerias, independente da orientação adotada, foram unânimes em afirmar que ambos ocupam um lugar de grande importância na vivência afetiva, mas ao mesmo tempo dividem esse papel de relevância com outros elementos da vida cotidiana como o companheirismo e o respeito. Isso implica em considerar que é preciso mais que o relacionamento sexual para que a parceria se mantenha enquanto tal, mas que, por outro lado, a inexistência dele põe em risco a vida a dois. Fundamental (fundante, até) ou assumindo um papel secundário, pode observar que muito da vida do casal gira em torno desta questão.

Como o título deste trabalho aponta existem simetrias e assimetrias no desejo e na forma como se pensa e se vivencia a vida sexual o que passo a analisar a partir de agora. No discurso das três categorias entrevistadas – hetero, homo feminina e homo masculina - afirmou-se que no início do relacionamento o sexo assume um papel preponderante, pois o desejo se apresenta de forma mais intensa e a frequência do intercurso sexual é notadamente maior. Em contrapartida, à medida que o relacionamento

⁸ Dialogo mais detidamente com dois destes trabalhos ao longo deste artigo. Ver Bozon 2002 e 2003) e Heilborn (2004).

18°REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



estabiliza, os desejos antes tão intensos passam a sofrer uma redução e, consequentemente, a frequência sexual diminui.

Há também concordância no universo pesquisado de que um dos membros do par é aquele que ao longo de toda a trajetória amorosa manifesta maior interesse e necessidade do sexo, enquanto no outro o desejo se manifesta de forma mais amena. Entre os pares heterossexuais, a manutenção do interesse ou o maior interesse é manifesto pelos homens e nos pares homocorporais é um dos membros do par que assim se expressa.

Apesar disso, o grupo entrevistado considera que “amor sem sexo é amizade” e que a ausência de relacionamento sexual pode provocar o rompimento entre o par ou a busca por um outro parceiro, ainda que se tenha afirmado do mesmo modo que o sentimento amoroso não encontra no sexo a sua única forma de expressão.

Bozon (2003), ao analisar as mudanças de comportamento na França contemporânea no âmbito da relação entre sexualidade e vida conjugal nas últimas décadas do século XX⁹, destaca que existem duas fases da vida sexual conjugal no contexto da heterossexualidade: o casal nascente corresponde aos primeiros dois ou três anos de vida em comum, onde claramente há uma elevada frequência de atividade sexual e também um alto nível de satisfação e apaixonamento; e o casal estabilizado, onde há uma diminuição do ritmo das relações e de satisfação em relação à sua vida sexual, fatores estes que não impedem que o sentimento amoroso permaneça.

Analisando os depoimentos de meus entrevistados e contrapondo-os com as considerações feitas por Bozon em relação à realidade francesa, identifico inúmeras similaridades no que se refere ao universo heterossexual, onde as fases da vida conjugal, a questão do desejo e da iniciativa masculina,

⁹ A pesquisa realizada por este autor abrangeu dois períodos distintos, o ano de 1970 e o ano de 1992, os quais ele compara com o intuito de compreender a transformação dos comportamentos sexuais na França.



bem como a diminuição da atividade sexual podem ser facilmente visualizadas através das falas de meus interlocutores.

Vejamos algumas delas:

“Eu era muito danado quando a gente casou. Eu cansei de acordar ela de madrugada pra fazer amor. (...). Era muito bacana. E foi arrefecendo, não tem jeito (...)”.
(Homem de 54 anos)

“E antes eu achava assim: que o que fazia cinquenta por cento da relação amorosa era a relação sexual. Tinha de ter. E depois eu vi que não. Hoje em dia eu penso que não. Pra mim continua sendo muito importante mas não tem a mesma importância que tinha antes”. (Homem de 38 anos)

“É verdade que depois de um tempo se perde o interesse é (...) da natureza” (Mulher de 61 anos)

“Eu poderia passar sem isso (...)” (Mulher de 64 anos)

Considero pertinente referir aqui que no caso das duas das parcerias heterossexuais entrevistadas, as mulheres, de 61 e 64 anos, relataram que o exercício da sexualidade com seus parceiros sempre foi uma zona desconfortável em função de suas histórias de vidas marcadas pela influência religiosa, no caso de uma, e pela influência familiar, no da outra. Entretanto, coincidentemente nas suas situações os parceiros se revelaram vivamente apaixonados e interessados sexualmente mesmo depois de mais de quarenta anos de vida em comum.

O universo homossexual apresenta algumas peculiaridades como veremos a seguir. Estas parcerias vivem uma situação diversa daquela encontrada no universo heterossexual, no qual existe uma família já ampliada pela presença dos filhos e até mesmo de netos. Nos pares homossexuais que entrevistei o núcleo familiar mais imediato é formado apenas pelos dois membros do par que vivem mais centrados em si mesmos ou na relação a dois.



No caso das parcerias masculinas, o interesse sexual me pareceu independente do tempo de relacionamento, ainda que tenha que levar em consideração que o tempo de vida a dois, mais especificamente, quatro, três e um ano, com exceção de um par juntos há vinte e dois anos, configuraria a fase inicial do relacionamento, portanto de maior intensidade sexual.

Foi justamente a parceria com maior tempo de relacionamento que referiu uma situação diferenciada, pois disse um deles que no início “*era um fogo (...) Meu Deus do céu! Era coisa assim de triscar (...)*. Com o passar do tempo “*(...) a gente vê que a questão da sexualidade (...) ela vai mudando*” (46 anos).

Nesse caso específico, foi mencionada a ausência de uma postura de respeito em relação a existência de uma assimetria no campo do desejo, o que foi conquistado via amadurecimento da relação, já que em certo momento havia muita cobrança por parte do parceiro que se via preterido, expresso na fala a seguir:

“(...) antes ele não tinha esse respeito em relação a mim, se eu não queria, era um carão desse tamanho. “Ah! porque tu não gosta de mim, porque tu não me procura”, porque torna, porque deixa, e não sei o que e tal, ou seja, eu tinha que acompanhar a energia dele, então eu não concordava com isso”. (45 anos)

A ideia de amadurecimento da relação e dos parceiros, implicou numa postura de “compreensão” e no entendimento de que ainda que o sexo seja tenha sido reduzido em sua frequência, ele ganhou mais “qualidade” e “refinamento”, como veremos adiante.

No universo homossexual feminino, identifiquei da mesma forma, algumas diferenciações. As mulheres ainda que referissem como as demais categorias, a paixão inicial como um traço marcante da fase primeira do relacionamento, deram maior ênfase às mudanças que foram se dando ao longo do tempo de convivência e que implicaram numa redução da atividade sexual, marcada pelo desinteresse de uma das partes envolvidas. Em duas,

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



das três parcerias entrevistadas, fica clara a existência de um ponto de tensão, expresso pela insatisfação de uma das parceiras quando o tema vem à baila, como vemos nos depoimentos a seguir.

“Hoje a gente discute muito...é...um dos motivos básicos das nossas brigas e discussões é a questão (...) relacionada a sexo, porque eu quero e ela não quer.(42 anos)

“Pra mim...eu digo pra ela:ou eu devo ser muito diferente do ser humano, porque por mim seria todo dia, mas ela não...eu digo pra ela assim: ih! Tu lembrou, tem um mês e pouco e tal...” (41 anos)

A equivalência em termos da simetria encontrada nos dois outros universos, não vem acompanhada de uma postura de compreensão e respeito mencionada nos outros contextos como fruto entre outras coisas do amadurecimento da relação. Nesse caso, observo que há a permanência de uma postura de queixa e insatisfação de um dos membros do par em relação a uma redução não desejada da atividade sexual o que configura um campo de tensão e conflito entre o par, manifesto inclusive durante as entrevistas através de uma postura jocosa ou claramente insatisfeita.

Neste sentido, o sexo no contexto da relação lésbica, a despeito do imaginário que situa a homossexualidade feminina em oposição à masculina e remete a primeira para um campo em que este assumiria um lugar menos privilegiado, se comparado ao amor (HEILBORN:2004), assume para as parcerias que entrevistei um papel crucial no cotidiano da vida amorosa.

Talvez por conta disso, entre os pares homossexuais femininos a ideia de amadurecimento, refinamento e qualidade se fez presente no contexto mais amplo da relação, e não no âmbito da sexualidade, no qual como foi visto o que se destaca é a insatisfação e o conflito motivado pela diminuição da frequência sexual.

Entre os pares heterossexuais e homossexuais masculinos a ideia de “renovação” é associada a de “refinamento”, ou seja, o sexo diminui em

18°REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



intensidade, mas ganha em qualidade, aspecto enfatizado pelas parcerias com maior tempo de vida em comum. As falas a seguir dão bem o tom deste debate.

“(...) eu acho que ele muda (o sexo), porque ele se renova, na verdade. Ele não vai perdendo, tipo assim perde a intensidade, perde a frequência, mas ele vai se modificando, porque vai se renovando. (Homossexual masculino, 36 anos)

Só que a sexualidade numa relação mais madura ela passa a ter uma conotação diferente de quando a gente era mais jovem, porque veja só, tinha a questão do prazer, da satisfação mútua, mas era aquela coisa assim de quantidade, não era a questão da qualidade. E hoje em dia não, já vê mais a questão da qualidade. (Homossexual masculino, 45 anos)

Hoje a paixão não é a paixão de trinta e cinco anos atrás; o fogo físico, sexual, não é a mesma coisa, quem disser que é, é um mentiroso, papo furado, não existe isso (...) Então eu digo assim: diminui muito a frequência, aumenta a qualidade (...). (Heterossexual masculino, 54 anos)

“Eu avalio que hoje a gente está refinado, nós conseguimos aprender um com o outro. (...) Eu acho que hoje, nós somos amigos, muito amigos, mas somos amantes também”. (Heterossexual feminina, 67 anos)

Existe claramente uma ideia de que à medida que o relacionamento se prolonga e adquire durabilidade, ocorre uma redução da atividade sexual encarada pelos entrevistados como de maior qualidade. Essa qualidade se expressa pela preocupação com o prazer do outro, com o ato em si mesmo ou através da ideia de respeito pelo desejo ou não desejo do outro, o que só se torna possível com o aprofundamento da intimidade que gera, por sua vez, uma maior sintonia entre o par e torna a relação mais madura no sentido também de maior densidade. Isso não implica absolutamente na eliminação das diferenças, das assimetrias entre os desejos, dos conflitos, insatisfações e frustrações, mas, pelo menos no universo destes pares amorosos com os quais me relacionei, mantém acesa a chama do sentimento de amor que os une.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Bozon (2003) destaca que na sociedade contemporânea *“imperava a obrigação difusa e implícita de nunca interromper e nem encerrar de vez a atividade sexual (uma obrigação de fazer sexo)”*, independente de quaisquer situações, sejam elas de saúde, idade ou status conjugal. Com isso passa a existir, também, uma exigência de continuidade da atividade sexual. Assim, *“quem não tem atividade sexual dissimula esse fato ou procura justificar-se”* (p. 122)

A sexualidade passa a assumir, portanto, um papel de grande importância no contexto da vida conjugal, seja na sua constituição, como também na sua manutenção. Ela *“aparece como uma experiência pessoal, fundamental para a construção do sujeito, em um domínio que se desenvolveu e assumiu um peso considerável no decorrer dos séculos: a esfera da intimidade e da afetividade”*. (2002:45)

Alguns marcos são importantes para que se possa pensar a questão dessas mudanças com destaque para a difusão dos métodos contraceptivos modernos, fato que ocasionou uma reviravolta na forma de encarar a sexualidade, já que a fecundidade passou a ser pensada como um projeto pessoal, o que implicou em escolhas por parte do par – e aqui estamos falando do universo heterossexual, já que foram eles os beneficiados. O dado importante é que a sexualidade passa a ser infecunda (GIDDENS, 1992; BOZON, 2002), contrapondo-se a ideia oposta de uma sexualidade que visava a reprodução.

Além disso, as mudanças conjugais no âmbito dos países ocidentais que inverteram historicamente o laço entre sexualidade e conjugalidade definiram como imprescindível a sexualidade na relação do casal. Como enfatiza Bozon, *“a ausência de relações sexuais entre os cônjuges é, portanto, indício de uma dificuldade ou de um problema conjugal que pode levar à separação. Quer existam filhos, quer não, a inatividade sexual põe em perigo a estabilidade da construção conjugal”* (2002:50). Isso vale, inclusive, para os casais mais idosos, os quais se supõe mantêm a atividade sexual a despeito da idade, pois



da mesma forma que houve uma extensão da vida sexual às idades mais baixas, ocorreu o mesmo com as idades mais elevadas.

Um outro elemento que pode ser articulado às falas dos entrevistados constitui um discurso que é quase uma fórmula utilizada para analisar o binômio frequência x qualidade, segundo a qual importa mais a qualidade com que você realiza determinado ato do que o número de vezes em que ele é executado.

Neste contexto, as falas enunciadas representariam muito mais uma necessidade de justificar-se diante da inevitabilidade da redução da frequência sexual e da pressão social negativa que envolve este ato, do que uma ênfase na qualidade do relacionamento, como pode parecer à primeira vista. Não quero com isto dizer que a convivência não implique em intimidade e em conhecimento profundo, que pode conduzir a um maior respeito pelo outro o que sem dúvida ocorre.

No entanto, a intimidade também tem sido apontada como um fator de insatisfação e conflito quando se trata do contexto amoroso, como vemos em Heilborn (2004). Quero aqui chamar atenção para o fato de que parece haver, sim, um grande incômodo, uma espécie de mal estar dos parceiros - às vezes mais de um que do outro - em torno da relação frequência x qualidade expresso na fala de grande parte dos entrevistados, e em particular nas falas das parcerias femininas. Sendo, entretanto, pouco visualizado nos relacionamentos que ainda se encontram nas fases do casal nascente e do casal estável, se quisermos usar aqui os termos de Bozon (2003).

O que se observa no contexto dos depoimentos que resgatei para tratar da questão da sexualidade é que as parcerias entrevistadas, independentemente da categoria a que pertençam - homo ou hetero - reservam um lugar privilegiado ao sexo no âmbito da vida conjugal, mas não sempre ou do mesmo modo ao longo do tempo.



Apesar da relevância que a vida sexual assume no relacionamento amoroso, tema em destaque neste artigo, gostaria de enfatizar que as diferentes categorias entrevistadas a situaram no contexto mais amplo da vida diária do par, na qual a ênfase recai sobre um conjunto de sentimentos e atitudes que conjuntamente são pensados como amor. Neste sentido, a tríade formada pelo companheirismo, respeito e carinho representa a base que sustenta e dá substância a vivência afetiva.

REFERÊNCIAS

Amaral Gonçalves, Telma. *Falando de amor: discursos sobre o amor e práticas amorosas na contemporaneidade*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará. Belém:UFPA/PPGCS, 2011.

_____. *Sexo, desejo e amor no contexto de relações amorosas homossexuais e heterossexuais*. Buenos Aires: Anais do X Congresso Argentino Argentino de Antropologia Social, 2011. ISBN 978-987-1785-29-2.

_____. *“O nosso amor a gente inventa”*: discursos e práticas amorosas homo e heterossexuais. Revista Percursos. Florianópolis, v.15., n.28, p. 337-353.jan./jun. 2014.

Bozon, Michel. *Sexualidade e conjugalidade. A redefinição das relações de gênero na França contemporânea*. Cadernos Pagu (20):131-156, 2003.

_____. Intimidade, sexualidade e individualização na época contemporânea. In *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro:Editora FGV, 2002.

Giddens, Anthony. (1992). *A Transformação da Intimidade*. São Paulo: UNESP.

Heilborn, Maria Luiza. *Dois é par – Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004[1992].

Vance, Carole. *A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*. In *Physis*, vol.1, n 5. Rio de Janeiro, 1995.